

Aterro sanitário: destino certo para o lixo

Com o fechamento dos lixões do Santa Maria e da Palestina, dois dos maiores problemas ambientais foram sanados

Fabio Brito

Na semana passada, com o fechamento dos lixões do Bairro Santa Maria e da Palestina, dois dos maiores problemas ambientais da região metropolitana foram finalmente sanados, através de uma iniciativa das Prefeituras de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro. Agora, todo o lixo produzido nestas duas cidades está indo para uma destinação mais adequada e que causa um menor impacto ambiental: O aterro sanitário.

Para quem não sabe a diferença entre ambos, o lixão é um grande espaço destinado apenas a receber lixo, ou seja, nada é planejado para evitar a degradação do meio ambiente. São câmaradas e mais câmaradas de resíduos dispostos a céu aberto, criando uma grande fauna de ratos, baratas, urubus e bactérias que podem ser mortais ao ser humano. Além disso, um líquido fétido e infectado, o chorume, traz degradação a várias camadas de solo, como também aos lençóis freáticos, contaminando córregos e nascentes.

Já no aterro sanitário, o lixo é depositado em local impermeabilizado por uma base de argila e lona plástica, o que impede o vazamento de chorume para o subsolo. Diariamente, o material é aterrado com equipamentos específicos para este fim. Existem, também, tubulações que captam o metano, gás liberado pela decomposição de matéria orgânica, e que pode ser usado para gerar energia.

Para a assessora técnica ambiental da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Alana Vasconcelos, (programa de gestão ambiental que pertence a Universidade Federal de Sergipe e reúne projetos socioambientais ligados às temáticas: coleta seletiva, trânsito, arborização, redução de consumo de energia, água e desperdício de



alimentos) a maior dificuldade agora será a reabilitação daquela área, que pode levar mais de 25 anos para ser completamente reestabelecida.

“O lixão é a maneira mais incorreta de lidar com resíduos de uma cidade. Todo material que era jogado ali contaminava diretamente os lençóis freáticos, e este período que eu falei anteriormente é o mais rápido que se possa ter para uma recuperação da área e para que se tenha o aproveitamento daquela região, que foi tão degradada”, explicou.

Ela expôs que em um aterro há todo um aparato que faz com que todo o material de descarte tenha um fim correto. “Em contrapartida, não há a contaminação do solo, pois há todo um maquinário para a trituração e assentamento do material evitando uma série de fatores que prejudicam o meio ambiente e ao homem, como as doenças”, acrescentou.

Alana disse também que é importante que as prefeituras se atenham também a questão de ver o lado dos catadores de materiais recicláveis, pois com o fim dos lixões, um problema social pode ser causado. “Primeiramente é importante que as prefeituras invistam na coleta seletiva, para que esse material seja destinado à associação de catadores, pois sabemos que são muitas as famílias que dependem desta atividade. A coleta seletiva é uma forma até mais saudável para estas pessoas de separar esse material de forma adequada”, ressaltou a ambientalista.

• O aterro

O fechamento dos lixões finalmente faz com que toda a Grande Aracaju obedeça à Lei 12.305/2010, que obriga o fechamento de todos os lixões do país até 2014. Das cidades que fazem parte da região metropolitana, apenas Nossa Senhora do Socorro e Aracaju ainda não estavam levando o lixo para o aterro particular que fica localizado em Rosário do Catete.

No caso da Barra dos Coqueiros, a Prefeitura já estava enviando os seus resíduos desde o início de abril. São levadas para o aterro, por dia, cerca de 38 toneladas de lixo. Já o lixo de São Cristóvão está sendo transportado para Rosário desde dezembro de 2012. Este município produz 80 toneladas de resíduos por dia.

Desde a semana passada, Nossa Senhora do Socorro passou a enviar 150 toneladas de lixo para o aterro, e a capital sergipana 500 toneladas. Juntas as cidades metropolitanas pro-

U

Estamos dispostos a fazer disso uma solução definitiva”

Wilson Quintela |

Presidente da Esteira

duzem 768 toneladas de lixo por dia, mais de 23 mil toneladas por mês. O aterro recebe ainda lixo do próprio município de Rosário do Catete, Pirambu, Carmópolis, Siriri, Riachuelo e Divina Pastora. A empresa que cuida do aterro também cuida do lixo de empresas particulares e da Petrobras.

Para facilitar o transporte do lixo de todos esses locais, foi criada uma estação de transbordo no Km 9 da BR 235, no município de Nossa Senhora

do Socorro. A estação serve como um receptor de todo o lixo vindo da Grande Aracaju, que em seguida é colocado em carretas, com capacidade de cinco caminhões compactadores, e levado para o aterro sanitário de Rosário do Catete. A estação de transbordo servirá também para separar os materiais recicláveis do lixo orgânico, destinando somente este segundo item para o aterro. Todo esse processo custará R\$250 mil para Prefeitura de Nossa Senhora do Socorro e R\$900 mil para Aracaju.

• A reciclagem

De acordo com a Secretaria

de Meio Ambiente do Município de Aracaju, uma nova cooperativa deve ser formada para os catadores que atuavam no Santa Maria. Para isso, essas pessoas foram cadastradas e deverão atuar agora no Centro de Triagem que fica localizado no Bairro 17 de Março. Foi exposto que o local foi entregue na última sexta-feira, 19, para que os catadores cadastrados comecem a organizá-lo.

Já para os catadores da Palestina, a própria empresa responsável pelo aterro informou que no transbordo, localizado em Nossa Senhora do Socorro, contará com o seu centro de triagem próprio. "Não vamos esquecer a parte social, pois temos um compromisso com os catadores de Nossa Senhora do Socorro, que são 35 famílias as quais nós daremos uma solução digna. Nós estamos dispostos a investir e fazer com que esta seja uma solução definitiva", declarou o presidente da Estre Ambiental, empresa responsável pelo aterro, Wilson Quintela Filho.

• A recuperação

Devido a 25 anos de degradação, como já foi explicado pela ambientalista Alana Vasconcelos, vai levar um tempo para a recuperação completa da área do lixão. Ainda segundo a Secretaria do Meio Ambiente de Aracaju, para começar os trabalhos de recuperação será formado um grupo de que fará parte do Programa de Recuperação de Área Degradada (Prad), que deve ser apresentado em breve à Adema, Ministério Público Estadual e Municipal.